

Produção gráfica e processos de edição. Interpretação e materialidade social de manuscritos e impressos

Iris Kantor (USP)

Lorelai Brilhante Kury (FIOCRUZ/UERJ)

Moderador: Rodrigo Bentes Monteiro (UFF)

A digitalização crescente de fundos arquivísticos e bibliográficos, hoje facilmente consultados em plataformas eletrônicas, pode contribuir para se deixar de lado os caminhos mais lentos pelos quais os documentos vindos de outro tempo foram criados e construíram seus percursos. No entanto, os registros manuscritos e impressos provenientes do império luso-brasileiro possuem histórias particulares, tecidas por entre autorias de perfis variados e circunstâncias de produção distintas. Ao considerar as características físicas e os processos de recolha de informações de vária ordem para a elaboração de um registro hoje preservado, o grupo de pesquisa *Metamorphose* estimula estudos acadêmicos que valorizam, por uma perspectiva interdisciplinar, a materialidade social de manuscritos e impressos – entendida como análise da materialidade física dos documentos, de sua produção gráfica coletiva e seus processos de edição, bem como dos modos de organização textual e visual da informação registrada. Também se destacam as investigações dedicadas à compreensão de estratégias configuradoras das autorias intelectual e gráfica de textos e imagens, de forma associada a suas circulações. Desse modo se evidencia uma dimensão complementar das análises textual e iconográfica, reforçando a necessidade de fortalecer as instituições responsáveis pela guarda e preservação da documentação histórica. Procura-se valorizar esses vínculos profissionais, associados aos benefícios das novas tecnologias, para o exame de fontes escritas e visuais. Em especial, na linha de pesquisa “produção gráfica e processos de edição” se ressalta o estudo das circunstâncias de produção de manuscritos e impressos a partir do estudo da configuração visual da página, e dos processos de recolha de informações de ordem visual e/ou escrita que, metamorfoseadas, resultam no manuscrito ou impresso ora preservado. Para tal selecionamos para o debate três investigações com fontes de natureza diversa (manuscrita, cartográfica e impressa), situadas desde há 300 anos ao limiar do período colonial. Rodrigo Bentes Monteiro estuda o processo de elaboração do conhecido códice sobre a sublevação de Vila Rica em 1720, hoje depositado no Arquivo Público Mineiro. Para além da análise comparativa com outro manuscrito preservado na Universidade de São Paulo, percebe-se as muitas leituras de impressos realizadas pela autoria colaborativa dos textos, sendo possível identificar várias edições consultadas mediante a transcrição paleográfica. Por trás dos manuscritos, verifica-se a biblioteca existente em Ribeirão do Carmo, bem como o decoro e o cuidado na redação do Discurso histórico, e político como códice destinado a uma circulação restrita, no âmbito da casa nobiliárquica de Assumar e Alorna. Iris Kantor perscruta o processo de edição de atlas em cerca de 1800, na Sociedade Real Marítima e Militar, criada por Rodrigo de Sousa Coutinho em 1798. A Sociedade empreendeu a feitura de dois atlas, um terrestre e outro celeste. Para tanto, foram contratados desenhadores e gravadores que trabalhavam para a Tipografia do Arco do Cego e na Imprensa Régia. A montagem da empresa editorial também contou com experimentados gravadores e artistas gráficos de origem inglesa e francesa. Por intermédio das chapas de cobre e da prova de impressão, Kantor reconstitui as etapas de confecção das imagens cartográficas que evidenciam não só os processos técnicos utilizados, mas também os critérios de bricolagem, as apropriações e a atualização das

informações geográficas gravadas nos suportes materiais. Pretende também refletir sobre a presença dos atlas nas bibliotecas públicas e particulares, bem como nos gabinetes de governo. Por fim, Lorelai Kury pesquisa o material publicado pelo naturalista Auguste de Saint-Hilaire, a partir de suas expedições pelas capitâneas de Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande, entre 1816 e 1822. Embora o diário de viagem do autor não seja consultável, é possível perceber a composição dos volumes impressos, feita com anotações de campo, memórias e mapas manuscritos consultados in loco, informação oral, além de pesquisa em bibliotecas e acesso a informantes na França. Uma das principais fontes para suas narrativas de viagem foram os trabalhos inéditos de brasileiros formados na Universidade de Coimbra reformada, com quem pôde conviver durante sua estada no Brasil. Desse modo, os livros impressos são um amálgama de experiência in loco, contatos com brasileiros e de trabalho erudito, produzidos em diferentes épocas.